



Uma experiência de linguagem em *O Irmão Alemão*, de Chico Buarque

A language experience in *O Irmão Alemão*, by Chico Buarque

Laécio Fernandes de Oliveira

<https://orcid.org/0009-0000-6573-4775>

Linduarte Pereira Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0002-9748-179X>

Resumo: O romance *O irmão alemão*, de Chico Buarque, parte de uma fonte primária (carta), encontrada por uma das personagens, que movimenta o desenvolvimento da narrativa e destaca a singularidade das fontes primárias para a História e a Teoria Literárias contemporâneas. Publicado em 2014, o romance realça um cenário global, com fronteiras territoriais fragmentadas, estruturado entre as tensões do que é real/histórico – entrelaçado numa teia fértil da imaginação –, instaurando um campo ficcional. Logo, este estudo objetivou propor uma leitura semiótica do romance, enfatizando a experiência como um aspecto cognitivo da linguagem, cuja materialidade torna possível visualizar o subjetivo das relações humanas, e os conflitos do território globalizado, transnacionalizado. Seguiu o método de pesquisa qualitativa, realizando uma leitura de alguns de seus excertos, com foco na superfície textual, isto é, na linguagem, pautando-se em Benveniste (1989) e Lacan (1982; 1998) dentre outros; bem como Aira (1993), que possibilitou compreender o elemento ficcional como auxiliar do pensamento, e o exotismo no seu aspecto crítico e positivo. Para isto, Schøllhammer (2021) promoveu a compreensão do exotismo como elemento literário de linguagem. Já Santos (1998) e Bhabha (1998) auxiliaram na reflexão sobre o espaço/território transnacionalizado e instância discursiva. Assim, constatou, em *O irmão alemão*, uma narrativa sustentada pelo viés histórico de uma fonte primária, embora o leitor encontre estímulos semióticos para transitar pelas fronteiras do real e da imaginação, onde o ficcional se instaura iluminando espaços fragmentados brasileiro-alemão, que refletem um contexto globalizado em que ideologias nazistas e ditatoriais ecoam na materialidade da linguagem. .

Palavras-chave: O irmão alemão; historicidade da linguagem; fonte primária.

Abstract: The novel *The German Brother*, by Chico Buarque, starts from a primary source (letter), found by one of the characters, which moves the development of the narrative and highlights the uniqueness of primary sources for contemporary History and Literary Theory. Published in 2014, the novel highlights a global scenario, with fragmented territorial borders, structured between the tensions of what is real/historical – intertwined in a fertile web of imagination – establishing a fictional field. Therefore, this study aimed to propose a semiotic reading of the novel, emphasizing experience as a cognitive aspect of language, whose materiality makes it possible to visualize the subjective of human relations, and the conflicts of the globalized, transnationalized territory. He followed the qualitative research method, performing a reading of some of his excerpts, focusing on the textual surface, that is, on language, based on Benveniste (1989) and Lacan (1982; 1998) among others; as well as Aira (1993), which made it possible to understand the fictional element as an aid to thought, and exoticism in its critical and positive aspect. To this end, Schøllhammer (2021) promoted the understanding of exoticism as a literary element of language. Santos (1998) and Bhabha (1998) helped in the reflection on the transnationalized space/territory and discursive instance. Thus, he found, in *The German Brother*, a narrative sustained by the historical bias of a primary source, although the reader finds semiotic stimuli to transit through the boundaries of the real and the imagination, where the fictional is established illuminating fragmented Brazilian-German spaces, which reflect a globalized context in which Nazi and dictatorial ideologies echo in the materiality of language.

Keywords: The German brother; historicity of language; primary source



Palavras iniciais...

De volta para casa confiro a data, 21 de dezembro de 1931, em que Anne escreveu a carta ao meu pai, pelo visto sem noção do que estava por vir. Em pouco mais de um ano seu prometido esposo estaria no olho da rua, impedido de dar concertos ou de exercer o magistério, e buscaria asilo na França com uma mão na frente e outra atrás. E o meu irmão aos três anos de idade seria enfiado às pressas num trem noturno, ou num microônibus, ou na boleia de um caminhão por estradas tortuosas, sem compreender por que, logo agora que aprendia a flexionar e justapor as palavras da sua exigente língua, teria de recomeçar o tatibitate na língua dos outros. (...). Prefiro neste caso acreditar que às vésperas das núpcias a própria Anne se convenceria do erro que estava por cometer ao se juntar a Heinz Borgart, sobretudo do risco a que expunha o filho com esse enlace (Holanda, 2014, p. 36) (grifos nossos).

Neste excerto do romance – *O irmão alemão* – os verbos sublinhados, de formação simples, encontram-se no tempo verbal – futuro do pretérito, do modo indicativo –, que, em sua maioria, determinam o aspecto verbal do excerto, cuja referência é um suposto fato ocorrido no passado, uma carta e o momento de sua escrita, sobre os quais o narrador, num devaneio imaginativo, faz conjecturas sobre desdobramentos futuros e as possíveis consequências para a vida da personagem Anne Hernest, tomando como referência um momento pretérito, anterior ao momento de enunciação. De tal modo, o narrador passa a atuar no campo ficcional, dando livre curso aos seus pensamentos.

Essa atuação, pelas fronteiras da realidade e da imaginação, instaura um campo ficcional que, não só conduz o leitor, algumas vezes, ao estranhamento, mas, também a atribuir um valor estético à narrativa. Aira (1993), ao tratar da origem do romance moderno, afirma que a presença do elemento ficcional exerce a função de auxiliar do pensamento e exige do leitor uma condição de viajante por mundos e culturas distintas, atribuindo à narrativa moderna o papel de objeto da imaginação literária, que favorece a criatividade e tende à aproximação entre a realidade e a imaginação, cujo acesso só ocorre por meio da ficção. Assim, apresenta-se a estrutura narrativa em *O irmão alemão*, onde o autor promove um hibridismo de aspectos supostamente reais e ficcionais.

Embora o próprio Chico Buarque afirme que o romance é pura ficção, a narrativa baseia-se em dados e fotocópia de documentos que comprovam a existência de um filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda, pai de Chico Buarque. Esse

filho seria fruto de um relacionamento que o historiador, sociólogo teve quando ainda era solteiro em sua passagem pela Alemanha, isto entre os anos de 1929 e 1930, num contexto Pós-Primeira Guerra Mundial. Na ocasião, o historiador teria retornado ao Brasil sem conhecer o filho. Esta informação tanto movimentava a narrativa, quanto põe em destaque a importância da fonte primária para a História e Teoria Literária contemporâneas (Zilberman *et al.*, 2004), pois a fonte diz das concepções que lhe deram forma, retratando o contexto sociocultural e a instituição literária em que foi produzida.

O enredo do romance, inicialmente, tem como pano de fundo a cidade de São Paulo, em meados de 1960. Entretanto, às sombras da Segunda Guerra Mundial, o espaço/território refletido possui caráter global, tendo em vista que o protagonista do romance – Francisco de Hollander, o Ciccio –, filho do historiador Sérgio Buarque, encontra, dentro de um livro da biblioteca paterna, uma carta que revela a existência de um irmão alemão. Nesse momento, a narrativa ganha dimensão espacial global, em que as fronteiras brasileira-alemã, ora fragmentadas, entrelaçam-se, e o território passa a atender uma ordem geopolítica transnacionalizada, cujos acontecimentos refletem um funcionamento em redes verticais e horizontais (Santos, 1998).

De acordo com Santos (1998), as redes horizontais estão relacionadas às vizinhanças, lugares interligados pelas proximidades territoriais; já as redes verticais dimensionam os pontos distantes uns dos outros, interligados pelas diversas relações ou processos sociais (geopolíticos) que nos conduzem à noção de rede e justificam a atuação na verticalidade. Nessa dinâmica, as redes verticais condicionam o funcionamento das redes horizontais pela imposição de forças (ideologias) à totalidade dos atores, bem como as dimensões das relações horizontais (Santos, 1998). Por meio desse mecanismo, torna-se possível visualizar a materialização de conflitos diversos, a exemplo do romance em questão, em que os conflitos envolvem as relações humanas e as experiências vividas pelas personagens, evidenciando o funcionamento da rede vertical e a imposição de ideologias hegemônicas, etnocêntricas.

Dessa forma, podemos pensar alguns acontecimentos histórico-políticos no contexto global e seu funcionamento na narrativa do romance, como os ecos do holocausto e do regime nazista que se acabam impondo sobre a experiência de vida da personagem Judia, Anne Hernest e o filho alemão, Sérgio Hernest; bem como as imposições do regime militar, ora em curso no Brasil que, em vários

momentos, são dramatizadas pelas enunciações do narrador. Portanto, esse desenvolvimento da narrativa reflete o mecanismo de funcionamento em redes vertical e horizontal, cuja materialidade permite ao leitor refletir sobre o funcionamento das relações geopolíticas no território.

O fio que conduz o desenvolvimento da narrativa é a descoberta de uma carta dentro de um livro, na vasta biblioteca paterna, contendo a revelação da existência do irmão alemão e, desde então, a busca por informações sobre sua história e a tentativa de encontrá-lo são incessantes. No limiar dessa busca, parece incomodar, ao narrador, uma falta de sintonia com a figura paterna, embora ambos mantenham o interesse comum pelos livros, é com o filho mais velho – Domingos ou Mimmo –, um galanteador, leitor da Revista Playboy e de Gibis, que Sérgio de Hollander tem mais afinidades, mesmo com as tentativas de mediação da sua esposa – Assunta –, uma mulher de origem italiana e temperamento gentil, ao mesmo tempo enérgica e justa com todos. Se há um hiato na relação do narrador com a figura paterna que aquele, frequentemente, busca preencher, o mesmo não ocorre com a relação entre os dois irmãos, em que o silêncio, envolto pela competição e ressentimento, é impositivo. Por conseguinte, o romance atrai o leitor pelas aventuras dessas personagens em busca da “verdade”.

A partir deste contexto, concebemos que a linguagem se estrutura a partir de dois planos semióticos: o plano de expressão, ao qual associamos o gênero literário romance, sua forma, composição, meio pelo qual o humano atua mediante o sistema linguístico; e um plano de conteúdo, no qual os discursos ganham funcionalidade, dando margem ao entendimento da linguagem como fenômeno semântico-pragmático. A partir dessa dimensão da linguagem, podemos acessar os efeitos de sentido constituintes da narrativa. Logo, objetivamos neste artigo promover uma leitura semiótica do romance *O irmão alemão* a partir da experiência de linguagem enquanto fenômeno cognitivo, cuja materialidade e historicidade tornam possível visualizar o subjetivo das relações humanas, e os conflitos do território globalizado, transnacionalizado.

A este fim, pautados no método de pesquisa qualitativa, realizamos uma hermenêutica da narrativa a partir de alguns excertos do romance, tendo como aporte teórico sobre linguagem: Benveniste (1989); Oliveira e Rodrigues (2020; 2021); Lacan (1982; 1998). Também consultamos Aira (1993), que possibilitou compreender o elemento ficcional e seu funcionamento como auxiliar do

pensamento, uma característica do romance moderno; bem como, pensar o exotismo em seu aspecto crítico e positivo. Do mesmo modo, Schøllhammer (2021) nos permitiu a compreensão do exotismo como elemento literário de linguagem; assim como Santos (1998) e Bhabha (1998), que nos auxiliaram na reflexão sobre o território transnacionalizado e instância discursiva. Dessa forma, pudemos constatar em – *O irmão alemão* – uma narrativa construída entre os limites da realidade e da imaginação de onde emerge um universo ficcional, cujas fronteiras espaço-territoriais, brasileira-alemão, assumem uma essência fragmentada, refletindo o contexto de mundo globalizado, no qual ideologias nazistas e ditatoriais ecoam na/da materialidade, historicidade da linguagem. No tópico seguinte, refletimos sobre uma experiência com a linguagem, em que fizemos uso, como exemplificação, de alguns excertos extraídos do romance.

Os fios da historicidade da linguagem

O Irmão Alemão é um romance narrado em primeira pessoa que nos oferece uma experiência de linguagem enquanto fenômeno cognitivo (Oliveira; Rodrigues, 2020), pois é por meio da linguagem que o leitor pode acessar uma narrativa investigativa, cujas pistas instigam a curiosidade e costumam experiências de vida, entrelaçadas por deslizamentos entre traços autobiográficos, ficcionais e fatos históricos, situados numa linha temporal entre os anos de 1920 e 1931, num contexto Pós-Primeira Guerra Mundial. Essa teia de significação segue um dinamismo que envolve aspectos ora de uma aparente realidade, ora ficcionais, permitindo-nos mencionar um certo exotismo como elemento da narrativa. Desse modo, os fios narrativos são tecidos pelas fronteiras do real e do universo ficcional como fruto da imaginação – entendida, neste estudo, como capacidade da mente humana e meio pelo qual o homem atribui sentido ao mundo (Oliveira; Rodrigues, 2021).

Podemos perceber esse hibridismo entre o real e o ficcional no recorte a seguir, onde o narrador descreve uma aventura que, supostamente, a personagem Ciccio teria vivenciado com o amigo Thelounious ao perambularem pelas ruas da cidade num carro furtado. A descrição constrói um cenário urbano com características góticas: “cruzamos bairros sombrios com fábricas, galpões, cortiços, oficinas e casas de comércio fechadas. Percorremos ruas tortas que dão num viaduto que desemboca no centro com suas ruas vazias, os arranha-

céus às escuras” (Holanda, 2014, p. 8). Na sequência, as personagens adentram um bairro de classe média alta, com casas que possuem arquitetura com aspecto barroco que, na avaliação do narrador, transmitem a impressão de serem maiores do que parecem, pois por “terem fachadas tão austeras, devem ser mais vistosas pelo avesso, mais vibrantes no avesso onde as pessoas moram” (Holanda, 2014, p. 8).

Mesmo que tenhamos traços descritivos nos dois fragmentos apresentados, no segundo recorte, encontramos o elemento subjetivo na locução verbal “devem ser”, em que se subentende uma suposição da personagem, que dá curso ao pensamento imaginativo sobre como deveriam ser as casas pelo seu avesso. A esse respeito, Bachelard (1988) afirma que as palavras assumem personificação e energia própria, elas se movimentam. Este movimento, que se dá entre as fronteiras do real e do pensamento imaginativo, conduz o leitor ao campo da ficção, a partir de certo estranhamento como aspecto exótico.

Mesmo que o tema do exotismo tenha surgido no meio literário a partir do século XVIII, o olhar que lhe foi dispensado, por um longo período, esteve mais associado ao caráter de artificialidade associada, quase sempre de forma negativa, ao elemento estrangeiro e às características hiperbólicas com determinadas representações de países, culturas e povos distantes (Schøllhammer, 2021). Porém, nesta análise, estamos considerando dois aspectos apontados por Aira (1993), numa perspectiva decolonial, que dá origem ao romance moderno e toma a ficção como auxiliar do pensamento; propondo uma leitura crítica e positiva do exotismo, em que o leitor, análogo à condição de viajante, explorador de uma cultura estrangeira, exótica, toma o romance como objeto para imaginação literária, um dispositivo germinador da criatividade e possibilitador da confluência entre o real e a imaginação, como um mecanismo que é acessível apenas por meio da ficção.

Logo, é possível que o leitor de *O irmão alemão* se defronte com esse mecanismo fertilizador da criatividade, da confluência entre realidade e imaginação que põem em funcionamento o campo ficcional a partir de algumas metáforas comparativas presentes na linguagem do romance. Em certo momento da narrativa, quando Ciccio realiza o movimento de devolver um livro antigo à prateleira da biblioteca do seu pai – fascinado por antiguidades literárias –, aquele compara o gesto de cópula sexual com a ação de abrir espaço (fenda) entre dois livros com os dedos (anular e indicador) para a entrada de outro livro:

“Há algo de erótico em separar dois livros apertados, com o anular e o indicador, para forçar a entrada de ‘O ramo de ouro’ na fresta que lhe cabe” (Holanda, 2014, p. 7).

É oportuno apontarmos certo fascínio da personagem pelo universo intelectual do seu pai, Sérgio de Hollander, talvez porque este não tivesse o hábito de compartilhar a vida e suas ideias literárias com o filho Ciccio, o fazia apenas com o filho mais velho, como expõe o narrador em um dos momentos em que Ciccio chega em casa, vai para seu quarto e, já deitado, lembra que não apagou a luz e não precisa apagá-la, porque pode ficar por baixo da manta, pensando na sua amizade com o Thelonious, um amigo fiel, cuja amizade é sempre comparada, por Ciccio, com a relação do seu pai e seu irmão.

Está bom para ficar pensando na minha amizade com o Thelonious, o que me leva a pensar no meu pai com meu irmão, que entra à vontade no escritório, mas só lê gibi, o que me leva a pensar em algum dia revelar a meu pai que, bem ou mal, li em francês o Guerra e Paz até a metade, e agora com a ajuda do dicionário inglês penava para compreender O Ramo de Ouro (Holanda, 2014, p. 8-9).

Neste trecho, Ciccio, ao dar vazão aos seus pensamentos, deixa transparecer na linguagem uma carência de relação paterna. Esta ideia é passível de confirmação a partir da psicanálise lacaniana, visto que, para Lacan (1982), o que compõe a estrutura do significante, tomando a enunciação da personagem como objeto significante, é sua conexão com outros significantes, formando uma cadeia, pois “o significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, e uma utilização da linguagem como liame” (Lacan, 1982, p. 43). Assim, temos a ação de evocar como função da linguagem, para além do aspecto da comunicação, pois a fala da personagem configura um ato discursivo, no qual está implicada a ação de enviar uma mensagem (enunciador), demandando uma resposta (coenunciador).

Institui-se na narrativa um deslizamento entre os elementos real-imaginação-ficção, visto que Ciccio, ao não poder compartilhar do mundo do seu pai, cria um mundo imaginário/ficcional, onde, por meio da imaginação, projeta suas aspirações. Nessa posição da personagem, encontramos o que Lacan (1998) nomeia de efeitos do inconsciente estruturado pela linguagem; ou seja, a posição do sujeito/personagem produz lapsos e atos falhos no discurso, ele diz sem querer dizer, uma produção de saber que não se sabe. Portanto, a análise busca

o original da relação nos tropeços de uma fala, “ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso” (Lacan, 1998, p. 815).

Acresce-se ao excerto do romance citado, logo acima, uma relação interdiscursiva que adentra o campo do simbólico, pois, de acordo com Dupla (2016), é no livro *O ramo de ouro* que James Frazer interpreta a expressão *hieros gamos* como a união sexual do casamento sagrado para promover a fertilidade. Sua origem remonta à cultura grega, em que o poeta Homero propagou esta expressão ao descrever a relação entre a deusa Demeter e o mortal Jasão. Esse simbolismo sustenta o discurso metafórico do narrador.

Na citação a seguir, há uma continuidade da sequência narrativa, na qual os dois personagens percorrem outras ruas da cidade, também de automóvel, e se defrontam agora com casas de fachadas austeras. O narrador finaliza o enunciado com a comparação “entrar pela janela de uma casa dessas deve ser como meu pai abrir pela primeira vez um livro antigo” (Holanda, 2014, p. 8). Mais uma vez, o narrador fertiliza o campo literário a partir de deslizamentos entre os elementos real/imaginação/ficção, em que fica subentendida uma espécie de atração de Ciccio pelo universo intelectual paterno, que pode provocar no leitor um certo estranhamento, exotismo, visto a narrativa ser tecida entre as fronteiras do real e da ficção, sendo no campo ficcional que o narrado encontra razão de ser e atribui valor estético à narrativa (Aira, 1993).

No contexto contemporâneo, Aira (1993) afirma que o exotismo ganha outra característica mediante o contexto global mercantil, pois “*Ya no es necesario viajar, ni importar nativos*” (Aira, 1993, p. 75), porque o nacionalismo ganha destaque e, agora, é o próprio persa, francês, que protagoniza sua “verdadeira” narrativa, o seu território aos olhos do outro, seu leitor. De modo que,

[...] o exótico já não é um desafio para a experiência lá fora, ele tornou-se um elemento do cotidiano na globalização e, segundo a proposta de Aira, uma dimensão que hoje se confunde com os ‘labirintos da nacionalidade’, em que o exótico expressa um fetiche mercantil permeando a circulação, promoção e venda das mercadorias na esfera global. Para os escritores, que nascem ‘franceses, persas ou argentinos’, a nacionalidade é o acaso que mantém o exotismo e, com ele, sempre o perigo da ‘má consciência’ e do juízo estético de autenticidade diante do perigo da superficialidade frívola (Schøllhammer, 2021, p. 180-181).

É oportuno o pensamento de Schøllhammer (2021), que o elemento nacional e a língua materna passaram a ser repositórios do exotismo na contemporaneidade e, com isso, tornaram-se lugares de repouso do elemento

estranho, dando relevância e estímulo ao trabalho com a imaginação no campo literário. Portanto, o exotismo é um elemento do literário/linguagem que compõe a narrativa enquanto um sistema semiótico de significação (Oliveira; Rodrigues, 2020). É esse sistema que estrutura o romance *O irmão alemão*, oferecendo ao leitor uma experiência hermenêutica.

Já no enunciado que atribui o título ao romance – *O irmão alemão* –, encontramos evidências de uma discursividade entre o autor/narrador e o leitor/coenunciador do romance. É na linguagem que essa relação hermenêutica se evidencia, tendo em vista a teoria benvenistiana que considera, como característica da enunciação, “a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo” (Benveniste, 1989, p.87). Desse modo, o linguista determina a estrutura de um quadro enunciativo, cuja discursividade entre as pessoas do discurso “eu” e “tu” alternam entre as funções da enunciação, assumindo os lugares de parceiros protagonistas do ato enunciativo, situado num constructo espaço-temporal que se complementa com a atribuição de um referente: o terceiro elemento de linguagem “ele/ela”.

Esse quadro enunciativo figurativo estabelece uma relação intersubjetiva entre as pessoas do enunciado sobre o terceiro elemento da linguagem, a não-pessoa (Benveniste, 1989). Em *O Irmão alemão*, o narrador expõe ao seu leitor fatos, acontecimentos, que circunscrevem uma suposta história de vida, cujos traços autobiográficos e ficcionais entrelaçam-se o tempo todo. Esta percepção exemplifica-se no recorte abaixo, em que o narrador projeta uma encenação figurativa, hiper-imaginativa, sobre como seria o cenário da biblioteca paterna:

Asa de inseto, nota de dez mil-réis, cartão de visita, recorte de jornal, papelzinho com garranchos, recibo da farmácia, bula de sonífero, de sedativo, de analgésico, de antigripal, de composto de alcachofra, há de tudo ali dentro. E cinzas, sacudir um livro do meu pai é como soprar um cinzeiro (Holanda, 2014, p. 05).

A descrição figurativiza um cenário hiperbólico, exótico, que confronta a afirmação de Ciccio de que a organização da biblioteca paterna era função da sua mãe – Assunta – “ao pé da estante vejo a minha mãe de cócoras, buscando algum título a mando do meu pai. Não há de demorar, pois é ela mesma quem organiza a biblioteca conforme um sistema indecifrável, sabedora de que se ela morrer ele estará perdido” (Holanda, 2014, p. 07). Numa busca simples em dicionários, é possível constatar que o sinônimo mais próximo da palavra

“organizar” é “arrumar”, de modo que um lugar arrumado/organizado não condiz com a figurativização descrita pelo narrador, mesmo que essa organização seja sob um “sistema indecifrável”, parece-nos mais provável que a descrição apresentada seja fruto de uma imaginação fértil, caracterizando uma ficcionalização implícita na linguagem hiperbólica.

Os deslizamentos entre aspectos autobiográficos, ficcionais e, principalmente, históricos potencializam, no romance, a característica da historicidade da linguagem e sua complexidade, enquanto fenômeno que articula uma teia sociopolítica, histórica e cultural da vida em sociedade, naturalizando o semiótico como condição da produção literária, sua significação, e seu atravessamento por diversos aspectos da vida social (Oliveira; Rodrigues, 2020). Essa teia é referenciada por Mineiro e Araújo (2017), que consideram o fenômeno da intertextualidade, em *O irmão alemão*, a partir dos ecos intertextuais, históricos/literários, que aproximam a obra de outras referências literárias.

Ademais, elementos históricos, ficcionais e teóricos estão entrelaçados e constituem o enredo do romance como uma característica literária contemporânea, cuja aproximação com a biografia do autor ocorre, também, por influências de alguns escritores, como Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, com quem Chico Buarque manteve contato por meio das relações paternas. Logo, reforçamos o pensamento que é possível constatar, na narrativa *O irmão alemão*, influências advindas da convivência literária do autor, por meio da presença de intertextos, bem como marcas de opinião do narrador sobre o perfil das personagens. Para Mineiro e Araújo (2017, p. 87), isto demarca uma “voz autorreferencial que estabelece relação entre linguagem e realidade”. Conforme podemos observar neste excerto:

Fui eu que lhe apresentei Céline e Camus, e em troca ela me emprestou um Henry Miller cheio de sacanagens. Com ela dava para ver Godard, Antonioni e Bergman sem ter de explicar os silêncios, a ela pedi segredo e revelei a história do meu irmão alemão (Holanda, 2014, p. 36).

Neste fragmento do romance, a referência do pronome “ela” é Maria Helena, uma companheira de curso para o vestibular, por quem Ciccio mantinha interesses amorosos, porém Maria Helena acabara envolvendo-se com seu irmão Mimmio. De acordo com a narrativa, Maria Helena termina desolada e

encontra apoio nos ombros de Ciccio que, estimulado, resolve impressioná-la emprestando-lhe um livro da biblioteca paterna:

Um Flaubert para lhe dar de presente, não Madame Bovary, mas A Educação Sentimental. Acontece que a Maria Helena nunca mais apareceu no cursinho, só bem mais tarde eu soube que passou no vestibular de arquitetura (Holanda, 2014, p. 38).

Reforçamos a leitura de Mineiro e Araújo (2017) sobre as analogias entre o romance de Chico Buarque e o romance de Gustave Flaubert, pela interdiscursividade como “fruto do inter-cruzamento de discursos no acontecimento enunciativo” (Oliveira; Rodrigues, 2020, p. 207), existente entre as experiências de vida das personagens Ciccio e Maria Helena, “enlaçados” em uma paixão não correspondida. A situação é semelhante ao romance francês *A educação sentimental*, o qual expõe a vida do jovem Frédéric Moreau –, testemunha da revolução de 1848 e da fundação do Segundo Império Francês –, que vivenciou a experiência de uma paixão não correspondida por uma mulher mais velha. Essa personagem foi inspirada na vida da esposa do editor de música clássica Maurice Schlesinger (Mineiro; Araújo, 2017).

As relações interdiscursivas entre os romances de Chico Buarque e de Gustave Flaubert extrapolam os traços autobiográficos e contemplam também referências a fatos históricos, como a Revolução Francesa de 1848 e a Revolução de 30 também conhecida, no Brasil, como o Golpe de 30. Estas características expõem o romance/texto como um constructo semiótico, em que a historicidade atribui relevância a narrativa como objeto de estudo no âmbito dos estudos literários de linguagem. Um fenômeno semiótico com potencial para o desenvolvimento das habilidades leitoras. Nesse contexto, o romance possibilita ao sujeito/leitor uma imersão nas condições sócio-históricas, político-culturais e simbólicas, que referenciam o contexto de produção literária.

A experiência com a linguagem também ocorre por meio do território global, transnacionalizado, à medida que o elemento subjetivo é passível de ser observado a partir de uma perspectiva geopolítica do território, conforme reflexão a seguir.

O território transnacionalizado

Neste tópico, buscamos refletir sobre o território enquanto instância discursiva imaterial –, tendo como característica a ideia de mundo global, fomentada pelo fenômeno da globalização que impõe um aspecto de transitoriedade e porosidade, em que as fronteiras se tornaram o “entre-lugar” dos acontecimentos, o ponto de intersecção entre passado, presente e futuro (Bhabha, 1998). Segundo Santos (1998), fomentador de uma geografia crítica e humanista, esse aspecto, considerado a essência do mundo atual, dificulta a compreensão do território como materialidade das vivências humanas. Assim, entendemos que o romance *O irmão alemão* se desenvolve em um território fragmentado, com instância transnacionalizada, que nos permite pensar o nacional-internacional como pano de fundo para o desenvolvimento da narrativa, cujos acontecimentos e experiências de vida das personagens se relacionam com temáticas e contextos históricos, políticos, culturais transnacionalizados.

O romance situa-se numa estrutura de mundo pós-moderno que segue uma lógica de território-transnacional, onde o espaço local torna-se abrigo de todos, e o transnacional é racionalizado sob interesses diversos, tornando-se lugar de atuação de forte conteúdo ideológico que se impõe ao local, que assume papel de mero servidor (Santos, 1998). Desse modo, o transnacional é análogo aos relacionamentos de ordem política, econômica e jurídica que se espraiam pelo mundo.

Essa ideia de porosidade, fragmentação, está implícita logo na primeira página de *O irmão alemão*, quando o narrador/Ciccio apresenta sua experiência de leitura na biblioteca paterna. Metaforicamente, ele compara o gesto de sacudir um livro ao de soprar um cinzeiro. Dessa situação, depreende-se uma narrativa com acontecimentos imersos em um espaço poroso, em que os sentidos são construídos nas suas fronteiras, como uma nuvem de poeira que espalha seus grãos pelo ar, e, entre um grão e outro é possível achados surpreendentes, os quais podem nos conduzir para além das fronteiras do “aqui” e “agora”. Vejamos o excerto do texto:

Sacudir um livro do meu pai é como soprar um cinzeiro. Desta vez eu vinha lendo *O Ramo de Ouro*, numa edição inglesa de 1922, e ao virar a página 35 dei com uma carta endereçada a Sergio de Hollander, rua Maria Angélica, 39, Rio de Janeiro, Súdamerika, tendo como remetente Anne Ernst, Fasanenstrasse 22, Berlin. Dentro do envelope, um bilhete batido à máquina em papel almaço amarelado e puído (Holanda, 2014, p. 5).

Conforme expõe o narrador, a carta escrita em alemão é traduzida por “um solícito rapaz austríaco que me traduz a carta de Anne bem devagar, me explicando o significado de cada palavra, sua origem, sua etimologia” (Holanda, 2014, p. 9). Ao fornecer este dado que revela a existência de um possível irmão, o narrador põe em evidência as experiências de vida da personagem Sérgio de Hollander, que teria tido um filho quando viveu em solo alemão, no contexto histórico-político do Pós-Primeira Guerra Mundial, em meados de 1930. Achar a carta, reveladora de tal fato, conduz Ciccio numa investigação por um espaço global à procura do seu suposto irmão Sérgio Ernst.

O território brasileiro possui como referência no romance a cidade de São Paulo, em meados de 1960, ele tomado como sustentáculo da narrativa, ou como um mero servidor nas palavras de santos (1998), um espelho que passa a refletir um contexto global Pós-Guerras, cujos acontecimentos histórico-políticos não só revelam a imaterialidade e a transnacionalização dos territórios brasileiro-alemão, mas, também o trabalho fronteiro entre passado e presente (Bhabha, 1998) de uma investigação que, de início, confunde o leitor pela forte fluência no campo da imaginação da personagem Ciccio. Contudo, em alguns momentos da narrativa, a procura por Sergio Ernst, alguns aspectos da realidade são revelados, a exemplo do excerto seguinte:

Surrender on Demand é o título do livro que papai rejeitou sem levar em conta os elogios de jornais de Nova York reproduzidos na quarta capa. Datam de 1945 a edição e os elogios, abaixo dos quais leio uma apresentação à obra, cujo autor *arriscou a vida resgatando alguns dos mais relevantes políticos, artistas, escritores, cientistas e músicos da França ocupada pelas tropas nazistas*. Biografias e reportagens não estão entre os gêneros literários preferidos do meu pai, que ademais deixou a Alemanha antes da implantação do nazismo. Todavia, observando melhor o corte do livro, seu aspecto um pouco menos coeso que o de um livro virgem, percebo que ele foi folheado sim, velozmente, como se folheia um jornal em busca do horóscopo, ou do resultado da loteria. Mais para o fim posso divisar uma sutil fissura no feixe de páginas, e foi ali que meu pai aparentemente encontrou o que lhe interessava. Na página 236, com efeito, vejo que ele sublinhou a lápis um nome no início do segundo parágrafo: *Entre os refugiados que cruzaram o Atlântico estavam a cravista Wanda Landowska, o psiquiatra Bruno Strauss, o pianista Heinz Borgart, o escultor...* (Holanda, 2014, p. 33) (Grifos do autor).

Neste recorte, a personagem Ciccio depara-se com pistas deixadas pelo seu pai, quando este investigou os possíveis caminhos que Anne Herness teria trilhado

para sair da Alemanha diante da ameaça de perseguição que, especialmente, os judeus sofreram pelo nazismo propagado Adolf Hitler. Com isso, o romance sustenta-se num percurso temporal que chega à Berlim atual, e revela como centros de força da narrativa os ecos do holocausto e da ditadura militar brasileira, levando-nos a destacar a importância da materialidade das vivências humanas para pensarmos as tensões que se impõem sobre o território das sociedades globais (Santos, 1998). Conforme se apresenta no recorte a seguir, as experiências de vida da personagem Ciccio surgem imersas em um contexto de conflitos imposto pelo regime militar brasileiro:

Festas entravam pela madrugada até as vésperas de 31 de março de 1964, quando os militares tomaram o poder [...]. Hoje mesmo, à saída das aulas, me excita deparar com a rua Maria Antônia fechada para o trânsito. Na primeira transversal há alguma agitação em frente ao prédio de uma associação de comércio, protegido por um cordão de isolamento que me parece um exagero. Mas a vinda de um camburão com a sirene a mil contribui para atrair novas levas de jovens que em alguns minutos ocupam todo o quarteirão. Em consequência chegam daí a pouco quatro caminhões com reforços policiais, e quando dou por mim estou metido no centro de um grande bochicho. Começa um empurra-empurra, e um sujeito de boina vermelha que não conheço se vira e me diz: o que é que você está fazendo aqui? Sem esperar resposta o imbecil tira a boina, e no que inclina o tronco para trás, cuido de salvar meus óculos de uma provável cabeçada (Holanda, 2014, p. 26-27).

14

Estes dois últimos recortes demarcam uma dinâmica geopolítica que reflete o território e seus conflitos entrelaçados ao enredo do romance, instaurando instâncias discursivas, histórica-político-culturais, como modo de pensar o território e sua fragmentação, já que o limite espacial global se impõe no desenvolvimento da narrativa. Ela ocorre pela continuidade/descontinuidade dos pares adverbiais “aqui” e “lá”, nas palavras de Bhabha (1998, p. 19), um “momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade” (Brasil – Alemanha; judeu – alemão; nacional – estrangeiro; democracia – ditadura), passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão, instituindo um lugar fronteiro dos acontecimentos, onde os sentidos são construídos e emergem à força da linguagem, como estrutura universal geradora de signos por meio de práticas sociais (Oliveira; Rodrigues, 2020). No mais, seguem algumas considerações.

Considerações finais

Em *O irmão alemão* se apresenta uma narrativa fluída, muito pela escolha de um narrador em primeira pessoa, que apresenta o ponto de vista de Francisco Hollander, o Ciccio, sobre a procura por seu irmão. Ocupando uma posição empática aos acontecimentos e adversidades que atingem as personagens, ele acaba revelando, à luz da linguagem, muito das relações familiares que emergem na narrativa. Desde a relação, carente de afeto, entre a personagem Ciccio e seu pai – Sérgio de Hollander –, os silêncios e ressentimentos que envolvem a relação entre irmãos, até os conflitos geopolíticos que se espraiam sobre o território, dimensionando um contexto global – por um lado, pela própria essência da narrativa, por outro, pelos ecos do holocausto e da ditadura militar –, cuja proximidade temporal, a qual nos encontramos desses acontecimentos criminosos e desumanos, evidencia a importância das reflexões proporcionadas pelo romance.

Assim, este artigo desenvolveu uma hermenêutica do romance *O irmão alemão*, revelando-se como uma experiência de linguagem que envolve os pensamentos e sentimentos, uma relíquia da memória e consciência semeada pelas gerações, de modo que se torna íntima à comunicação humana, e é o meio pelo qual o homem se relaciona com o mundo, com a vida sociopolítica e com a arte/literatura (Oliveira; Rodrigues, 2020). Dessa forma, *O irmão alemão*, enquanto objeto literário de linguagem, proporciona a materialidade do elemento subjetivo humano, a partir das relações e experiências de vida das personagens. O olhar atento para a materialidade do romance nos possibilitou refletir sobre os conflitos sócio-políticos ao considerarmos a imaterialidade do território. Enfatizamos uma perspectiva geopolítica do território transnacionalizado, sob os postulados de Santos (1998), que propõe pensar o território a partir de uma estrutura moderna, organizada em redes verticais e horizontais. A partir desta perspectiva, pudemos refletir as relações e experiências das personagens entrelaçadas aos acontecimentos histórico-políticos que ora transpassam a esfera nacional e alcança a esfera global, a exemplo da ditadura militar e o holocausto sob o julgo de forças ideológicas.

Assim, refletimos o contexto sociopolítico Pós-Guerra, atendendo à verticalidade dos acontecimentos de amplitude global, em que o holocausto e o nazismo alemão surgem, no romance de Chico Buarque, enlaçados nas experiências de vida das personagens Anne Hernest e seu filho Sérgio Hernest que, na condição

de descendência judia sob a ameaça das políticas nazistas, implantadas pelo governo alemão, precisam deixar o país. Os ecos da ditadura militar brasileira surgem entrelaçados nas experiências de vida da personagem Ciccio. As consequências do regime militar e suas sanções na vida das personagens, em solo brasileiro, refletem a dinâmica de redes horizontais no desenvolvimento das relações sociais.

Constatamos que a narrativa se enquadra numa estrutura de romance ficcional, conforme a classificação do próprio autor nas páginas finais do romance. Consideramos que o fio condutor da narrativa, uma investigação sobre um suposto filho que o historiador Sérgio Buarque de Holanda, pai de Chico Buarque, teria tido na Alemanha, na década de 1930, é revelado por meio de uma carta encontrada no interior de um dos livros da biblioteca paterna. Essa situação, figurativizada no romance, instiga o leitor pela busca de uma relação com a realidade, que é reforçada através dos documentos e dos fatos históricos compartilhados, pondo em relevo as fontes primárias e seu valor para história e literatura contemporâneas.

Contudo, o romance ganha *status* de obra ficcional pela dinâmica de sua construção. Com a tessitura dos acontecimentos pelas fronteiras da realidade e da ficção, potencializada pela capacidade imaginativa do narrador que imprimiu ao romance o caráter ficcional, costurando-se pelas fronteiras do presente e passado, do aqui (Brasil) e do lá (Alemanha). Entre continuidades e descontinuidades (Bhabha, 1998), as personagens trilham caminhos pela busca da “verdade”, caminhos que, muitas vezes, causam, no leitor, uma espécie de estranhamento como sinônimo de exótico, que tem a linguagem literária como lugar de construção e como característica do romance moderno (Aira, 1993), permitindo que o leitor, por meio da imaginação, do pensamento, adentre o universo ficcional.

Do exposto, esperamos ter cumprido nosso propósito de ofertar uma hermenêutica do romance *O irmão alemão*, considerando sua leitura como uma experiência semiótica sobre o processo de significação do texto literário, com terreno fértil aos estudos da linguagem, das artes e das mídias.

REFERÊNCIAS

AIRA, C. "Exotismo". *Boletín del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria*, Universidad Nacional de Rosario, n. 3, 1993, p. 73-79.

BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. Trad: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 1-27.

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DUPLA, S. A. Quando os deuses copulavam: a sexualidade da deusa Inanna no Antigo Oriente Próximo. *Temporalidades – Revista de História*, Pampulha: Belo Horizonte/MG, ed. 21, v. 8, p. 483-496, 2016.

HOLANDA, C. B. *O irmão alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LACAN, J. *Escritos I*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

17

LACAN, J. *O seminário: livro 20, mais, ainda*. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

MINEIRO, M. A.; ARAÚJO, M. M. M. Relações intertextuais entre Literatura e História: O Irmão Alemão de Chico Buarque. *Revista Mediação*, Pires do Rio/GO, v. 12, n. 1, p. 83-94, 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6318/4473> .

OLIVEIRA, L. F; RODRIGUES, L. P. Aula de leitura: da materialidade semiótica do texto a imaginação simbólica. *Revista Caletrosópio*, Ouro Preto/MG, v. 9, n. 2, 2021, p. 254-277. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/caletrosopio/article/view/4913/3912> .

OLIVEIRA, L.; RODRIGUES, L. Leitura: um lugar atravessado pela historicidade da linguagem. *Revista do GELNE*, Natal/RN, v. 22, n. 2, 2020, p. 202–214. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/19725> .

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M. et al. (org.). *Território, Globalização e fragmentação*. Associação Nacional de Pós-Graduação em

Pesquisa de Planejamento Urbano e Regional. 4. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

SCHØLLHAMMER, K. E. Escrever a diferença: o exotismo segundo César Aira. *Revista ALEA*, Rio de Janeiro, vol. 23/3, p. 178-189, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/PxfCFX4hY56BxmHK7fCgCQf/?lang=pt&format=pdf> .

ZILBERMAN, R. *et. al. As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

‘Enviado em: 30 de julho de 2024

Aprovado em: 01 de junho de 2025